LISBOA — SEXTA-FEIRA, 24 DE JUNHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 68 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas

RUA DO MUNDO, 116, 1.º

Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

TRES bombas explodiram a noite passada, emquanto o povinho decilitrava e dansava. A folia continuou, tanto mais que as casas visadas e danificadas eram tipografias que, como todos sabemos, concorrem poderosamente para o progresso das luzes — o peor dos progressos.

Ignoramos se S. João, lá no ceu ou nos corações das raparigas, distinguiu o som dos morteiros que o festejavam do estampido das bombas que o ameaçavam. E' provavel que não, porque as greves, ainda que iniciadas á mão direita de Deus Padre com a biblica revolta dos anjos maus, são puramente terrestres. E S. João, que se alimentou com gafanhotos e mel silvestre, no deserto, deve ter um soberano desprêso pela crise das subsistencias.

Na sua qualidade de Precursor, parece que devia seguir com atenção as novas mudanças que se operam nas sociedades. Não acontece assim, porêm. Como só uma vez por ano vem á terra, atraido pelas lindas quadras que lhe cantam os namorados e as mulheres perdidas... de amor, S. João não tem tempo para se informar das torturas em que vivemos. Por isso, as bombas estalam, sem que ele saiba do que se trata.

Mais de repreender é a policia, que tinha obrigação de andar vigilante e só pelas explosões, quando os bombistas estão longe. Isto não é de estranhar, pois a policia é hoje uma corporação que tem tantos sitios onde estar, que não pode permanecer com demora em parte alguma.

Entre ela e o crime, já Vautrin o dizia, há uma total oposição de presença — onde um está não pode conservar-se a outra. Daí o mesmo conflito que se dá entre a luz e a sombra.

***

QUIZ o sr. dr. Antonio Granjo ser gentil com a Associação Comercial de Lojistas, convidando-a a indicar um nome de candidato a deputado para incluir na lista governamental.

— Temos quatro feitos por medida e prontos a servir — respondeu a Associação.

— Venham nomes!

— Apolinario Pereira, velho republicano, democratico, etc., etc.

— Não serve. E' muito comprido.

— Então, o Domingos dos Santos, homem de prestigio, republicano sem filiação...

— Tambem não está na medida...

— Servirá o Alfredo Ferreira, liberal...

— Esse é que assenta como uma luva. Escusa de citar mais.

E aqui está como se forjam candidaturas, atendendo, acima de tudo, ás competencias...

***

EMBORA não tenhamos especiais informações sobre o assunto, podemos afirmar sem receio que o governo brasileiro procedeu commosco com todas as atenções e deferencias no caso da Agencia Financical.

Simplesmente o nosso ministerio dos estrangeiros tem uma enraizada tendencia para não compreender o que lhe dizem e a nossa representação diplomatica no Brasil pratica alguns passatempos que mal se conciliam com a defesa dos nossos altos interêsses morais e materiais.

A POLITICA

E' frequente dizer-se por ahi, quási como uma verdade de senso comum, que os politicos arruinaram o paiz, crivando-o de dividas e de vergonhas. Devemos, porém, dizer que não foram propriamente os politicos que tal fizeram, mas sim uma turba de arranjistas incompetentes e de safardanas que entraram pelas portas do Estado, a fim de, á sua custa, conquistarem um esplendido direito á preguiça.

A politica era-lhes tão estranha como a moral aos apetites dum bácoro.

A nobre arte de governar os povos, porventura a mais complexa pela multiplicidade dos seus problemas e pela dificuldade das previsões, não póde servir de manto a uma turba de vadios que, mal saidos dos cursos superiores, ou mesmo sem a frequencia de qualquer escola decente, não descobriram em si outra vocação que não fôsse a de lagartas, derivando sobre os macios pomos da fazenda publica.

O que vulgarmente, entre nós, se chama politica e politicos, não passa duma *industria* e duma matula de *industriosos*, dignos duma classificação rigorosa, para se apurar a sua possibilidade de regeneração, em colónias penaes apropriadas. Desgraçado povo será sempre aquele em que os homens encontrem comedorias fáceis e um titulo de glória no exercicio de uma actividade tão contrária ao bem dos seus concidadãos, que estes tenham de tomar para com eles, em obediencia a elementares preceitos de higiene, as cautelas que se impõem, quando nos abeiramos de gentes pouco sérias.

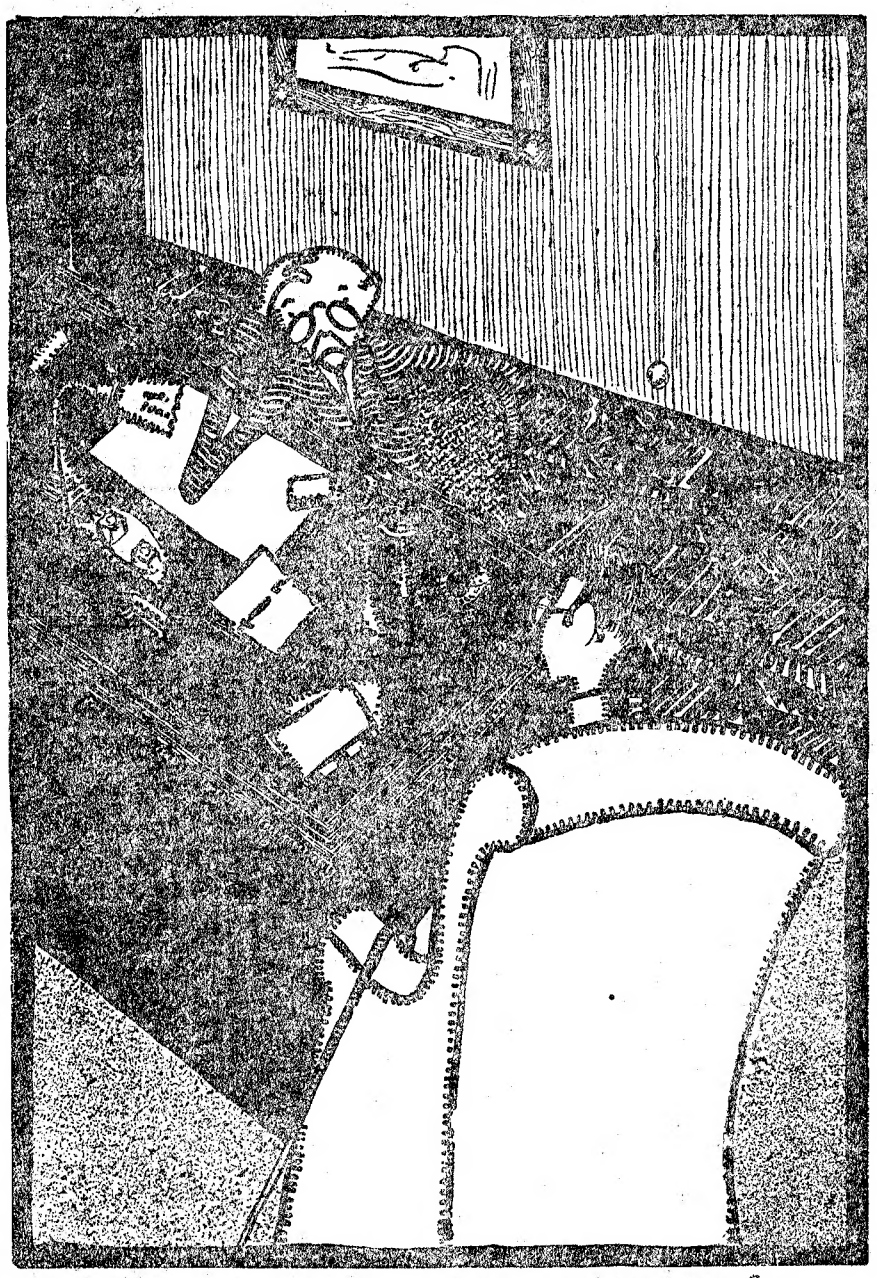
Se nos déssemos ao incómodo de publicar uma história ancedótica do nosso tempo, recolhendo nela o que, como certo e indiscutivel, se conta a respeito de muitos dos cavalheiros, que diáriamente trampolinam com as dôres e infelicidades da nossa crise,—o paiz ficaria de tal sorte edificado que, num arranque de cólera legitima, varreria, duma só vez e para sempre, o mais estupendo arraial de patifes de que há memória.

A guerra, que serviu, por toda a parte, como um incitamento, para que os governantes cingissem a sua acção patriótica ao estudo e resolução das mil dificuldades da hora presente, pouco mais deu em Portugal que um largo diluvio de empregados publicos, que vários mancebos espertos conduziram, ao som de violas e ferrinhos, para as repartições publicas, para nestas, a Republica manter dentes dedicados, já que o espirito lhes inspirava profundos receios.

Hoje o Estado tem um tamanho *superavit* de servidores que, se lhe fôsse possivel arranjar edificios e mobiliário para os instalar, ele veria, clara e imediatamente, que os exercitos de Xerxes eram menos numerosos.

Porque motivo é que o manifesto que o governo dirigiu ao paiz, incitando-o a dar-lhe uma maioria parlamentar se não refere a estas espécies parasitas e á necessidade de as dizimar?

SINTOMAS



—Doem-me as pernas, os pés, ando cançado... isto é grave doutor?
—Nada grave, é gréve, são sintomas de falta de energia... electrica.

NO nosso mercado de cambios havia a maior confusão, derivada, sobretudo, da falta de orientação e certeza em transacções de tão rara susceptibilidade.

O sr. ministro das finanças retrae-se, cala-se, finge que ignora o que se passa. No entanto, só ele tinha obrigação de intervir, dando fôrça a todas as boas vontades, animando os tibios e os scepticos. Estamos num momento grave, em que a indecisão pode ser criminosa. O manifesto dirigido pelo governo ao paiz é vago, cheio de promessas.

Os cambios não vivem de sonhos, mas de realidades. Porque não nos esclarece o sr. ministro das finanças? Diga-nos o que há sobre emprestimos, indenisações, recursos do Estado, etc. A sua palavra torna-se mesmo necessaria para combater os especuladores desaforados.

O alto comercio, por não encontrar quem o certifique autenticamente, não acredita, como seria seu desejo, na melhoria dos cambios. E desta duvida quem mais sofre somos nós, os consumidores, visto que os preços continuam altos, exaustivos para as nossas bolsas.

Que o sr. ministro das finanças não pratique o mutismo absoluto como sciencia do governo, porque talvez suscite maiores perigos que os que pretende evitar.

***

UM jornal da manhã diz que o governo quere publicar todos os documentos relativos á Agencia Financial. Não se demore. O paiz tem o culto sagrado da verdade. O «Diario de Lisboa», por sua parte, fica aguardando impaciente essa torrente de luz.

***

RECEBEMOS de João Verdades (Tito Martins) o seu ultimo livro —*A' Presença do «Povo Ilustrado»*— edição da livraria Portugal-Brasil, Limitada. Brevemente, o critico literario do «Diario de Lisboa» dirá sobre ele a sua opinião.

***

DO manifesto do governo ao paiz depreende-se que ele tem o proposito de tentar um melhor aproveitamento da frota mercante do Estado. Mas como temos informações de que um grupo estrangeiro, condusido não sabemos por quem, se prepara para ditar a lei nesta materia, pedimos ao sr. ministro do comercio que se acautele, não só contra este «salto», como tambem, quanto em suas fôrças caiba, para qualquer outro que se projecte contra navios pertencentes a emprêsas de navegação.

***

ORA alegremo-nos todos. A respeito de estradas, Portugal vai ficar um brinquinho.

Tantas reparações o governo tem prometido, tantas construções de novas vias de comunicação tem afiançado, que dentro em pouco o paiz será universalmente conhecido pelo paiz das estradas.

O peor é que os governantes terão esquecido de hoje a um mês todas as suas promessas.

Estradas, são afinal caminhos de sonho, que conduzem magicamente os eleitores ás bôcas das urnas.

UMA REPLICA

A peça "Adão e Eva"

AS SOCIEDADES DE ELOGIO MUTUO

Há coisa de oito dias escrevi neste jornal um artigo de réplica ao sr. Avelino de Almeida, que prometia continuação. Infelizmente, dois dias depois abalava para uma vilegiatura—e a conclusão do artigo tem ficado no simples campo das possibilidades, tão profundo encantamento me tem prendido a uma terra de maravilhas. Hoje furto-me á magia incomparavel dum pôr do sol num oceano de turqueza—e pego na pena com esfôrço.

E' que ficou efectivamente alguma coisa por dizer. Fala-nos o comentário do sr. Avelino de Almeida no «côro ruidoso dos apologistas incondicionaes», dos «amigos que leram *Adão e Eva*, e não viram a peça desempenhada, e daqueles que, tendo-a lido, a aplaudiram em scena, sem que, todavia, reparassem no que ela, talvez, perdesse atravez da declamação»; na «comunhão de sinceros profundos e respeitaveis sentimentos afectivos», que «conduz assim as mais lucidas e belas inteligencias a estes desequilibrios, a confusões como as que o inquerito sobre a peça de Jaime Cortezão está revelando».

A's palavras do sr. Avelino de Almeida tenho a objectar:

1.º—Que não fui tal um «apologista incondicional» da peça. O que escrevi—e está, talvez, abaixo do valor do *Adão e Eva*—é que «a peça tem lógica, está bem construida, e tem pelo menos mais teatro que o «Infante de Sagres», tão festejado pela imprensa; que é cheia de interesse dramático...; e, acima de tudo, que tem ideal...» Eis tudo quanto disse sobre o valor da peça. Sobre o valor do dramaturgo, disse mais alguma coisa: disse que ele estava abaixo do valor do poeta; formulei a convicção, que póde ser errada, mas é sincera, de que nunca em teatro o poeta da *Glória humilde* daria o *dó do peito*. Fui mais longe: levei a minha sinceridade até ao ponto de lhe aconselhar o abandono do teatro. E' certo que o fiz em razão da incapacidade do publico. Mas não deixei de dizer que, com esse abandono nada perderia Jaime Cortezão, porque não era a *veia* dramática a sua faculdade dominante. E' mister confessar que isto está infinitamente longe duma «apologia incondicional».

2.º—Que reparei muito bem, ao contrário do que parece julgar o sr. Avelino de Almeida, no mérito que a peça perdeu atravez da declamação. Pois não fui eu quem aqui mesmo disse que era pena o sr. Alves da Cunha não ter compreendido desta feita o seu papel? «Marcos—escrevi—não é positivamente o sr. Machado Santos». Não me foi possivel encontrar comparação que com mais vigôr exprimisse o meu desgosto pela interpretação do sr. Cunha—que em vez de dar vida á sua personagem, como escreveu um critico, e errou absolutamente, fazendo-a descambar, especialmente no primeiro acto, num revolucionário ridiculo e abominável.

3.º—Que a comunhão de sentimento afectivo não me conduz a elogios imerecidos ou a lamentaveis confusões de inteligencia. E' certo que sou amigo intimo de Jaime Cortezão; que sou mais do que seu amigo intimo: quási seu irmão. Devo-lhe muito: a possibilidade da realização dum ideal, que vale mais que a própria vida. Não haveria, pois, critico mais suspeito se a nossa comunhão de sentimento e de ideias se limitasse a isto, e eu tivesse o hábito de afivelar a inteligencia ás simpatias e gratidões pessoaes. E' que uma comunhão mais intima e profunda existe entre nós dois; alguma coisa que é mais preciosa do que a amizade, por ser inspiração dum interesse mais vasto e dum mais alto sonho: sômos ambos da falange da *Seara Nova*. E sabe o sr. Avelino de Almeida o que é ser da falange da *Seara Nova*? E' na velha sociedade portugueza, corompida e imbecilizada, ferida até á medula por uma profunda incapacidade de creação, ser partidário de uma nova ordem da vida — uma verdadeira *ordem*, tão diferente da que apoia o sr. Trindade Coelho e a falange cruzalista (que vem a ser, muito simplesmente, a defeza dos interesses creados» como o *cosmos* de Anexágoras e o *caos* de que ele saiu. E' ser, afinal, num mundo que tem muito do caos, partidário dum cosmos social organizado. E' ser pela sinceridade e pela absoluta honradez do pensamento. E' dizer ao paiz, pela primeira vez, toda a verdade. E' alargar, para além de todos os egoismos e de todas as amizades, o circulo mais vasto da vida. E isto com tanta coragem, com tão estuante mocidade, que até os patifes mais audaciosos admirarão a nossa audácia. Nunca seremos, pelo visto, uma sociedade do elogio mutuo—destas sociedades em que se distribue, nos termos dos estatutos, por cada um dos associados, o diploma de grande homem. Conhecemos todos a nossa modestia, e não julgamos incompativel o noso heroismo com a nossa humildade. Em nós haverá, acima de tudo, um desejo enorme de bem-fazer e uma vontade insuperavel da veracidade. Por isso eu aqui disse de Augusto Casimiro e Aquilino Ribeiro—dois dos nossos—as verdades que tiveram de esperar por um critico da *Seara Nova* para serem reveladas com nitidez. Muitas outras verdades estão á espera da *Seara Nova*—ela as acordará e as exporá na sua nudez, para que seja menos espessa esta atmosfera da mentira em que todos nós vivemos.

Apologia incondicional? Antes sinceridade completa e mocidade plena. Côro de louvores? Antes lição aos mais insuspeitos e aos menos apaixonados. Ah! desta vez trata-se realmente duma seara nova—duma seara em que as messes ondulam livremente ao sôpro forte dum vento novo...

Vila do Conde, 15 de Junho de 1921.

Raul Proença

NO MUNDO DA ARTE

A aproximação luzo-espanhola

Considerações a proposito de uma exposição de arte extremenha e de um pintor consagrado

Apesar de todas as tentativas de aproximação, a verdade é que a Espanha continua ainda tão afastada de Portugal que dir-se-hia existir na fronteira uma muralha intransponivel. E' certo que temos em volta do paiz uma policia de emigração a afirmar aos estrangeiros pacificos, por via de formalismos tolos, que o nosso territorio é inviolavel e inacessivel. Mas isto, se é o bastante para justificar uma mentalidade policial, não desculpa inteiramente a ignorancia de que enfermamos sobre o estado do visinho reino no capitulo das letras e das artes—ramos onde é posivel aperceber tantos pontos de contacto da sentimentalidade espanhola e portuguesa.

Urge, evidentemente, efectivar-se uma aproximação luso-espanhola, senão entre os politicos, ao menos entre os obreiros da mentalidade e da Arte. Precisamos de inteirar-nos do estado em que se encontra a Espanha e de a acompanharmos, senão por prazer espiritual—o puritanismo é, hoje, uma «blague» corrida—ao menos pelos interesses que nos podem advir da conquista dos «mercados» sul-americanos.

A Espanha avança. A ideia regionalista trouxe á congregação mental e artistica da nação visinha valores ineditos, que se perderiam fatalmente na mesquinhez de um meio adormecido e acanhado se um novo ideal, pleno de Beleza, os não aquecesse e avigorasse. E' a guerra santa da Fé e da Liberdade, essa que se está travando na peninsula. Cada provincia está dando nesse madrugar de consciencias o melhor da sua grandeza—por via dos seus pintores, dos seus musicos e dos seus poetas.

A Extremadura—essa região que, no dizer de Fialho, é, com Aragón, a mais caracteristica de Espanha—não ficou alheia ao cantico libertador. Os seus artistas e os seus pensadores, descendentes dos aventureiros que há quatro seculos desbravaram comnosco os oceanos, acordaram ao influxo renovador e interpretaram a Beleza á semelhança e imagem da sua terra, descobrindo nas varias gamas dum filão creador, novos ritmos, novas cores, novas ideias. O primeiro sinal desta ressurreição deu-o inda há pouco o Ateneo de Badajoz, inaugurado nas suas salas uma exposição de arte extremenha.

Tive ensejo de visitar a exposição, proporcionando-me uma das horas mais vividas e mais grandiosas da minha existencia emocional. Os nomes de pintores, desenhistas, escultores, arquitectos e fotógrafos que figuravam no catálogo eram de extremenhos. Mas, ainda que o não soubesse, eu o adivinharia na unidade de sentir que a exposição revela, apesar de todos os convencionalismos de escola. Essa exposição foi verdadeiramente regional, porque nela se afirmou decisivamente a alma da Extremadura—no que tem de mais belo e de mais impressionante, desde a grandeza desolada da paizagem á gravidade cristianissima das gentes.

Dessa visita ao Ateneo guardei na minha memória nomes tão distintos como os de Eugenio Hermoso, António Juez, Manuel Antolin, Trajano, Gabino Amaya e outros, que ora acordam em mim, nesta hora de evocação, o mundo admirável e vigoroso da sua Arte. Por mais estrangeiros que eles fôssem, a verdade é que tudo em suas obras, desde os canticos desmaiados da paizagem ás expressões flagrantes dos tipos, encontrou na minha alma de portuguez o écô de belezas que passaram. Em todas elas supuz descobrir o prolongamento de certos encantos surpreendidos no Alemtejo.

Adelardo Covarsi, cujo «atelier» visitei, foi nessa academia de pintores o maior de todos. Não contando ainda trinta anos e gosando justamente da fama de ser o primeiro pintor da Extremadura e um dos maiores de Espanha, consagrado nas exposições de Madrid, Londres e Paris, Covarsi desmente os scepticos que teimam em considerar a nossa geração em plena decadencia.

Tenho aqui o catálogo a falar-me dele: «Cazador de avutardas...», «Regreso de la caceria...», «Sangre moza...» — toda uma série de aguas-fortes, cheias de côr, de luz, de verdade. O seu pincel tirou das côres magias intraduziveis, para exaltar e engrandecer a Extremadura, a tal ponto, que dir-se-ia ser uma lira que, na intensidade dos ritmos, revelasse almas. O seu talento, ao serviço de um grande coração, é o de um poeta estranho, com o requinte de tornar exótico o que lhe é mais familiar. A sua Arte, assim, tem verdade e tem grandeza.

Todos os anos, quando chegam ás nossas praias as levas de extremenhos evadidos ao calor implacavel da sua terra, Covarsi vem a Portugal. E de tanto repetir a viagem, soube repartir com a nossa terra um pedaço do seu coração. Foi assim, que eu vi nas salas do Ateneo, com os quadros puramente extremenhos, algumas recordações de Portugal, como «Pescadores de Buarcos», curioso estudo de dois velhos lobos do mar; «Un valle en la Beira», poema fulgurante de côr; e «Marismas en Figueira da Foz», evocação cheia de ternura.

Pois este distinto artista, amigo e hóspede de Portugal, áparte as reproduções sempre infieis das revistas, mal é conhecido entre nós! Ficará, acaso, a Espanha nos confins do mundo? Se assim fôr, sempre os espanhoes nos levam uma vantagem: não chegarão lá, pelo intercambio, os versos do sr. João Maria Ferreira...

Belo Redondo

DESILUSÕES

O amor excepcional

A SOBERBA, A VAIDADE E O ORGULHO

Não ha ninguem que ao receber uma desilusão de amor não sinta além do desgosto, e mais ainda de que o desgosto, a surpreza indignada que se tem diante de um caso excepcional de malvadez. E esta indignação é esperimentada mesmo por aqueles que merecem e provocam essas desilusões e que, dando pouquissimo em sentimento e nada em dedicação ou sacrificio, nem por isso deixam de julgar-se com direito a pretender uma larga parte do coração alheio.

Ha nisto, nem sempre uma injustiça, mas sempre uma falta de raciocinio e de clara apreciação de factos e de pessoas.

Mal-sentir e mal-proceder, em amor, é humano e é proprio do vulgar dos mortais.

Encontrar no caminho da vida uma alma de *élite*, sob qualquer ponto de vista, é uma coisa deliciosa, mas muito rara e encontra-la no campo sentimental é quasi um milagre. Ora ninguem deve fundar as suas aspirações sob a possibilidade de coisas excepcionais ou milagrosas.

Alguem que, por capricho da fortuna ou beneficio da Providencia, encontre um dos tais entes de eleição, guarde-o bem, que é um tesouro mais precioso que todas as maravilhas das «Mil e uma noites». Esses entes são as creaturas *modelos*, que na imitação já ficam diferentes e desvalorisadas.

Quem tiver de contentar-se com o vulgar encha-se duma indulgencia tranquila, em que pode haver ironia, desdem, compreensão e branda filosofia. Essa indulgencia deve fundar-se tanto numa identidade de fraquezas como numa consciente superioridade.

Socrates, um dia que passeava com os seus discipulos, cumprimentou um corcunda, que lhe voltou grosseiramente as costas desformadas. Socrates seguiu, conversando e explicou aos discipulos que admiravam tal indiferença:—Se eu não me indigno por que este homem é corcunda sendo eu direito, que razão tenho de me indignar que a sua grosseria dê relevo á minha polidez?

Vogüé, numa apreciação de sentimentos e de figuras celebres, diz, com essa agudeza de espirito que é ao mesmo tempo profunda, graciosa e docemente ironica, que as grandes paixões são tão raras como as obras-primas. Um grande amor é, de certo modo, uma obra-prima, tão irrealisavel (afirma ele) para o comum dos homens como uma obra-prima de poesia, de pintura, de politica ou de guerra. A poucos é dado pintar o tecto da capela Sixtina, escrever a Phedra, ganhar a batalha de Austerlitz ou ter as ideias dum Richelieu ou dum Bismarck.

Como os eleitos do genio, os eleitos do amor absoluto são sempre excepções, espalhadas atravez dos seculos, sempre improvaveis e sempre possiveis, em cada época.

Muita gente confunde o orgulho com a soberba e com a vaidade, o que é um grande erro.

O orgulho exclue quasi sempre a soberba e sempre a vaidade.

A soberba ataca e o orgulho nem sequer se defende, por que raramente se digna faze-lo.

A soberba é agressiva, humilha sempre que pode, passa procurando pisar os que vê no seu caminho.

O orgulho tem uma dignidade especial, que respeita a dignidade alheia.

A vaidade é ostensiva, necessita de publico, de lisonjas, de aparencias, desconhece a simplicidade.

O orgulho tem uma consciencia de si proprio que lhe basta. E' simples, retraido, quasi timido, foge de exibições e chega a confundir-se com a modestia.

A vaidade é sempre rival de qualquer merecimento que lhe não pertença, vive do efeito que produz e reclama sem cessar as atenções.

O orgulho reconhece e aprecia o valor onde o encontra e não se ofusca de reconhecer um valor maior que o seu.

A vaidade contenta-se com palavras, o orgulho prefere sentimentos.

A soberba nasce da crueldade, a vaidade da inconsciencia, o orgulho do raciocinio.

O orgulho é o soldado heroico e muitas vezes obscuro, que defende e que levanta o coração e o pensamento.

Maria de Carvalho

CURIA

GRAND HOTEL

Aberto desde 1 de Junho. Este sanatorio é a 2 metros do Balneario. Culinaria á francesa. Dirigido pelo seu proprietario

Afonso Rodrigues Costa

Movimento maritimo

Entradas em 23

Vapor inglês «Gloucosetor Castle», da Beira; vapor holandês Ghasterland», de Amsterdam; lugre português «Brilhante», de Viana do Castelo.

Entradas em 24

Vapor holandes «Tjimansk», de Amsterdam; vapor português «Luso», do Norte; vapor português «Faro», vapor alemão «Usaramo», do Norte.

ARTE & LETRAS

DA PECA "DERROCADA"

de Lourenço Cayola

Publicamos a seguir um excerpto da peça «Derrocada», original do ilustre escritor sr. Lourenço Cayola, que dmanhã se estreia como autor dramatico no teatro Nacional:

SCENA X

(*Final do 1.º acto*)

FERNANDO

dirigindo-se a Helena para a cumprimentar

Helena... minha senhora.

HELENA, *muito confundida*

Tenho que lhe pedir desculpa de o havermos importunado. Foi meu marido que insistiu para lhe pedir que viesse.

FERNANDO

V. Ex.ª sabe que nunca me incomoda vir a sua casa.

HELENA

Sim, mas desta vez era desnecessario.

FERNANDO

Mas V. Ex.ª não está doente?

HELENA

Moralmente, talvez. Sinto-me nervosa, triste, desconsolada com a vida e com a minha sorte. Esse estado exacerbou-se depois do regresso de Mario. Por vezes, tenho medo de enlouquecer. Não preciso, decerto, dizer-lhe as razões do meu sofrimento.

FERNANDO

Nem V. Ex.ª avalia a dôr a que me está sujeitando. Sei que sou a causa da agonia moral em que se debate. E, contudo, Deus sabe que só desejaria vê-la feliz.

HELENA

Não o recrimino. Lamento-me simplesmente.

FERNANDO

Devo-lhe pedir perdão do mal que lhe tenho causado. Mas eu amava-a muito...

HELENA, *interrompendo-o*

Não continue, peço-lho.

FERNANDO

Deixe, ao menos, justificar-me. Quando a conheci, senti o desvairamento que se apossa de nós ao saber que conhecemos finalmente o verdadeiro amor. Vi-a tão bela! A doença penetrara-a duma tal doçura! As suas feições haviam-se-lhe emaciado, adquirindo tanto encanto e tanto poder de sedução, que, apesar de já não ser novo, não tive fôrças para resistir á paixão que me dominava, nem consciencia das funestas consequencias que ela podia ter para nós!

HELENA

E agora mesmo não se importa com o que me está fazendo sofrer.

FERNANDO

Será a ultima vez que lhe falarei esta linguagem que me proibe. Tenho, porêm, necessidade de me justificar. No meu amor não havia nenhuma idéa mesquinha, nem sentimento algum de que me pudesse envergonhar. Aspirava a viver comsigo uma vida paradisiaca. Daria tudo por a ter encontrado livre, podendo assim proclamar gloriosamente a nossa união á luz do sol.

HELENA

Não falemos do passado. Peço-lhe, ardentemente. Não avive com mais crueldade a insuportavel recordação que ele invoca para mim.

FERNANDO

Perdôe-me se a tenho estado magoando. Mas sentia necessidade de lhe dizer que não mereço tanto o seu desprêso, como talvez suponha. Não me guiou nenhum sentimento vil e escuso de lhe afirmar que se um dia reconhecer que não pode viver na situação em que se encontra, eu aceitarei com jubilo infinito todas as responsabilidades do meu proceder e saberei provar-lhe toda a minha adoração.

HELENA

Pois poude pensar nessa loucurá?! Se o desespêro me fechasse todos os caminhos onde pudesse encontrar um pouco de tranquilidade, não apelaria para a morte, porque a religião me impediria de o fazer, mas saberia encontrar uma solução compativel com a minha dignidade e o meu dever.

FERNANDO

Não tenho direito de me impôr á sua vontade. E tanto assim o reconheço, que não quero dizer-lhe se ainda a amo, preferindo sacrificar-me e concentrar toda a minha ternura, a causar-lhe um mal ainda maior do que o que já lhe tenho feito.

HELENA

Temos de pôr termo a esta dolorosa conversação. O remorso que sinto pela falta que cometi é o justo castigo que mereço. Mas é cruel da sua parte aumentá-lo ainda, forçando-me a ouvir palavras que não devo, que não quero escutar.

FERNANDO

O que acabei de lhe dizer era preciso que V. Ex.ª o ouvisse para poder ao menos obter o seu perdão.

HELENA

Não o recrimino, porque só eu mereço todas as condenações. Apenas lhe peço que me esqueça definitivamente. Já conhece Mario, já sabe quanto aquele coração é cheio de bondade e de virtude. Vença-se, pois, porque só assim poderemos pôr um dique á onda de desgraça que ameaça submergir-nos a todos.

FERNANDO

Cumprirei religiosamente as ordens de V. Ex.ª. Afirmo-lhe que não mais a importunarei. (*Neste momento aparece Maria Emilia pela esquerda baixa*). A sua bondade me desculpará a fraqueza de não ter podido dominar-me mais e haver-lhe falado ainda uma vez no imenso amor que lhe consagro.

MARIA EMILIA
(*não se podendo conter*)

Oh!

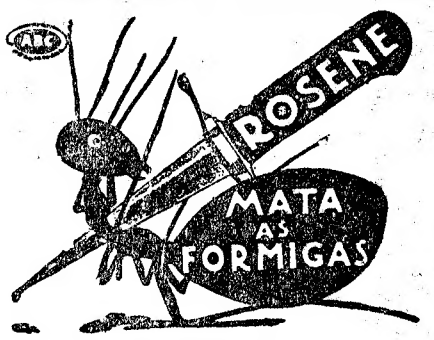
HELENA

Maria Emilia- (*Fernando e Helena olham-se numa expressão angustiosa de espanto*).

Cae o pano

Novidade literaria
LIMINAR
POR
MARIO ALVES PEREIRA
A' venda em todas as livrarias

"Diario de Lisboa"
Encontra-se á venda em todos os quiosques e tabacarias.



DEPOSITARIO
Sociedade de Produtos Farmaceuticos Ld.
Rua de Santa Marta, 53

N.º 8 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 24-6-92

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUM

Até mesmo um dia o camarista, com as suas mãos de ricaço, lhe trouxera, numa especie de embrulho, um terrivel formigueiro! Agora já não tinha idade para brincadeiras, mas o seu filho Otto vinha de tempos a tempos ao castelo e tinha maneiras singulares de divertir-se. Tinha dele algumas razões de queixa...

Uma galopada e gritos sacudiram a floresta. Eram jovens montando os cavalos fogosos do castelão, que corriam sob o arvoredo. Os cavaleiros chegaram á casa do moleiro. Com o cabo dos chicotes bateram á porta e quizeram entrar.

A porta era muito baixa, mas, apesar de tudo, queriam transpô-la a cavalo.

— Bons dias, bons dias — gritaram — Cá estamos para lhe fazer uma visita!

O moleiro sorriu humildemente, ao ouvir o pesado gracejo.

Depois, apeando-se, prenderam os cavalos e puzeram o moinho a andar.

— As mós estão em sêco — exclamou o moleiro. — Cuidado, não me escangalhem o moinho.

Ninguem ouviu, tão grande era a gritaria. Então, voltou-se para os lados da pedreira, gritando a plenos pulmões: — Johannes-

Johannes acudiu.

— Olha, eles puzeram o moinho a trabalhar, mas em sêco — exclamou o pai, designando-os com o dedo.

Johannes avançou lentamente para o grupo. Estava muito palido, as veias, nas fontes, incharam. Reconheceu Otto, o filho do camarista, que vestia o uniforme de aluno da escola de guerra; havia mais outros dois mancebos. Um deles fez-lhe uma inclinação com a cabeça, sorrindo, com a esperança de arranjar as coisas.

Johannes, sem um grito, sem qualquer comoção, foi direito a Otto. Ao mesmo tempo, duas senhoras a cavalo, uma atraz da outra, sairam da orla inferior do bosque. Uma era Vitória, vestindo uma amazona verde, montando a egua branca do castelo. Do alto da sela interrogou-os a ambos com os olhos.

Então, Johannes mudou de direcção, obliquou, subiu para o dique e abriu a represa; o ruido declinou pouco a pouco, o moinho parou.

Otto exclamou:

— Não, não, deixa-o girar. Porque fazes isso? Não te oponhas, já te disse.

— Tu é que soltaste as mós? — preguntou Vitória.

— Sim — respondeu ele, a rir. — Porque as faz ele parar? Porque é que não podem continuar?

— Estão em sêco — respondeu Johannes, sem poder respirar, fixando-o bem. — Compreende? As mós, assim, girariam em sêco.

— Tu compreendes, elas estão em sêco — repetiu Vitória.

— Como queres tu que eu saiba—fez Otto, mofando. — Não me dirão porque as puzeram assim, com todos os diabos? Então não há trigo no moinho?

— Voltemos a montar — interrompeu um dos seus camaradas, para concluir.

Assim fizeram. Antes de partirem, um deles apresentou desculpas a Johannes.

Vitória era a ultima. Percorreu um pedaço de caminho, puxou o freio e voltou atraz.

— Peço-lhe que nos faça desculpados, junto de seu pai — disse ela.

— Seria mais conveniente que o senhor aspirante tivesse essa atenção.

— Sim, bem entendido, mas emfim... Traz tantas coisas no pensamento. Há tanto tempo que o não via, Johannes...

Ergueu os olhos para ela, inclinando o ouvido, como se julgasse ter compreendido mal. Tinha-se esquecido do ultimo domingo — o seu dia de triunfo?

Ele respondeu:

— Viara no cáis, no domingo passado.

— Ah! sim, efectivamente...—emendou ela, rápida. — Que feliz acaso o levou a ajudar o imediato a salvar a afogada. Foi o senhor quem deu com ela debaixo de agua, han?

Ripostou em tom breve e irritado:

— Sim, os dois demos com ela.

— Ou antes — continuou ela, como se lhe ocorrera repentinamente uma idéa — ou antes, foi o senhor quem... Emfim, não importa. Peço-lhe que diga o que lhe pedi a seu pai. Bons dias.

Ela inclinou a cabeça, sorrindo, tornou a pegar nas redeas e lançou o cavalo a trote. Apenas Vitória se poz fora do alcance da sua vista, Johannes, indignado e colérico, seguiu-lhe no encalce, pela floresta. Encontroura sósinha, de pé, apoiada numa arvore e soluçando.

Teria ela caido? Ter-se-ia molestado?

Avançou até junto dela e preguntou:

(*Continua*)

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Horas

Conheci-te, falei-te... Que alvorada
De alegre exuberancia mal contida
Que doce primavera tão florida,
Que esperança dentro em mim desabrochada!...

Desde logo, numa ansia indefinida,
Do teu amor fiz meta desejada:
Meio dia *soou com voz pausada*
No relogio fatal da minha vida...

Passou tempo...
Esperando carta tua,
Vi cair, pouco a pouco, o sol poente,
Da minha esperança então já mal segura.

Ei-la, emfim... Que alvoroço em mim estual...
Abro-a a tremer: vem fria, indiferente...
. . . . . .
E' na minha alma, agora, noite escura.

A esperança

Sómente a esperança nos consegue dar
Da ventura a ilusão sempre constante.
Só ela muda em luz a sombra errante
Do nosso sempre eterno desejar.

Pelo poder que tem de transformar,
Aproxima de nós a todo o instante
Um momento feliz, sempre distante,
Que todos nós sonhamos alcançar:

«Amanhã...». diz nossa alma esperançada,
Com o olhar nessa luz enfeitiçada,
Que para tudo mais quasi nos cega.

«Amanhã» é a voz de oiro da quimera
Que até morrer ouvimos, sempre á espera
De um «Amanhã» melhor... que nunca chega.

Oliva Guerra.

Joaquim Martins Teixeira de Carvalho

O reitor da Universidade de Coimbra agradece os pezames ao sr. ministro da instrução

O reitor da Universidade de Coimbra, sr. dr. Fernandes Costa, telegrafou ao sr. ministro da instrução, agradecendo-lhe o telegrama em que enviou pezames áquele instituto, pelo falecimento do professor sr. dr. Joaquim Martins de Carvalho.

A saude em Lisboa

Numa semana sete casos de difteria

Na semana finda em 18 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 7 casos de difteria, 1 de meningite e 6 de variola.

Lêr na 2.ª pag.:

"O amor excepcional", por Maria de Carvalho.
"Adão e Eva" e as sociedades de elogio mutuo, por Raul Proença.
"A aproximação luzo-espanhola", por Belo Redondo.

As impressões do almirante sr. Leote do Rego sobre o actual momento politico

Na entrevista que o nosso jornal publicou ontem, com o sr. Leote do Rêgo, dissémos, por engano, que este tinha almoçado com o sr. Briand, presidente do governo francez, quando almoçou com o chefe do seu gabinete.

Audição de piano

No Salão do Conservatório realiza-se no próximo domingo um brilhante concêrto de piano para apresentação dos alunos do distinto professor sr. Costa Reis. O programa é atraentissimo, figurando nele muitas composições de autores consagrados.

NA HORA TRISTE DAS RELAÇÕES LUZO-BRASILEIRAS

MORREU JOÃO DO RIO!

Um grande amigo de Portugal e dos portugueses

O telegrama primeiro diz só isto:

RIO DE JANEIRO, 24.—A' uma hora e cincoenta minutos da madrugada, vitima de uma congestão, morreu o sr. Paulo Barreto.

O registo desta noticia devem fazê-lo todos os jornalistas portugueses com comoção, com profunda e sincerissima magua. Em todo o Portugal, que é grato, a noticia deve causar uma sensação de tristeza e de saudade infinita. Talvez nenhum homem estrangeiro, nenhuma pena estranha tivesse direito nesta hora de nova Raça a um luto de alma mais profundo, mais justificado, mais dolorido... Sentimentalmente, pelo coração e pela justiça, que valem mais alguma coisa do que a politica, a morte de João do Rio causa aos portugueses mais pezar do que causaria a morte do ilustre chefe do Estado da grande nação sul-americana, onde o português é ainda a lingua que se fala! E' que não é em vão que se passou uma vida falar ao coração do povo. da consciente e intelectual pseudonimo literario de João — e talvez fosse! — era a O sr. Paulo Barreto, do direito historico e moral de do Rio, era, se não a ultima sil, nossa antiga colonia. mais nobre encarnação do os livros de ensino e para a Portugal no longinquo BrasecuIo em começo ainda Saudade eterna, que para na pelo nobre peito, pela historia literaria do actual iluminada do grande amigo deve passar; saudade eterinfinita! Grande brasileiro, alma generosa, pela pena da sua inteligencia e da sua dos portugueses! Saudade ainda o João do Rio!—hopatriota enorme pelo fogo grado no progresso e na in- mocidade — era um rapaz ca do seu grande país, o mem conscientemente intepreendeu que ser amigo leal dependencia moral e politi-

sentimento imcompativel- Brasil, João do Rio comro do patriotismo. Pelo con- dos portugueses não era patriota brasileiro ser ami- com o sentimento mais pugo de Portugal. trario — era boa função do

Paladino da causa justa dos poveiros, ha meses vexados por disposições administrativas que o Brasil tinha o direito de proclamar, campeão do intercambio luzo-brasileiro, pregador e apostolo, Magriço de uma ideia generosa de aproximação que na sua obra chegou a oferecer atitudes mediaveis de paixão e de dedicação, homem do seu tempo com virtudes de lealdade que são do tempo antigo em que a lealdade era o orgulho dos melhores brazões — João do Rio foi o ultimo Abencerragem do predominio luzitano na patria que o viu nascer. Educação vivissima e luminosa de fé, elegante espiritual das ideias, actividade constante e sempre vestida de gentileza na vida de uma grande capital, ele não quiz nunca nesta epoca de especulações lançar-se noutra especulação que não fosse a legitima a que as inteligencias têm direito, e á sombra da qual trabalhou, lutou, sofreu, amou e foi odiado, pugnou e foi agredido, se entregou generosamente e acabou por ser vitima. Na intensa vida de paixões e de energias dispersas demasiadamente em que João do Rio queimava a sua scintilante intelectualidade, devia ter ele, o morto saudoso, encontrado com certeza os germens de uma *debacle* fisica e traiçoeira que o levou para a nossa saudade eterna.

A Patria, do Rio de Janeiro, que ele fundou e era por assim dizer todo ele e o seu espirito buliçoso do seculo XX de guerra e das aspirações brasileiras de grande potencia mundial; *A Patria* era um jornal brasileiro por ser feito no Brasil e português por estar cheia do velho, fidalgo e generoso espirito luzitano. Na *Patria* se corrigiram as exageradas ainda que legitimas, aspirações nacionalistas brasileiras, na *Patria* se defenderam os direitos portugueses, na *Patria* se apelou para a justiça brasileira, a honrada justiça que copiou as formulas juridicas dos primeiros colonos, a fim de evitar perseguições, vexames, afrontas.

João do Rio, membro da Academia Brasileira e da Academia de Sciencias de Lisboa, era, como dissemos, uma alta e luminosa intelectualidade. Os seus livros são ás dezenas, a sua modelidade literaria deve á sua obra ora fulgurações classicas de erudito, ora delicadesas suavissimas de novelista, ora rompantes altivos de critico. João do Rio, queimado no jornalismo, dispersou a sua perfeitissima intuição literaria em todas as formas da sagrada arte de escrever, e nessa arte, não tendo atingido as culminancias da literatura da lingua portuguesa, porque para isso lhe faltava disciplina, subiu no entanto até onde poude subir, despreocupadamente, a sedução, o encanto, a placidade ritmica do idioma de Camões, do padre Antonio Vieira, de Olavo Bilac. Escreveu teatro com brilhantismo. A sua alma anda na sua obra, saltitante sempre, apaixonada, amorosa, generosa, moça sempre e cavalheiresca. Como jornalista, na profissão tão ingrata onde só os Mestres podem conciliar a elegancia com as exigencias precipitadas do dia a dia, João do Rio deixa um lugar na primeira filha do jornalismo brasileiro. Ele era, pelo coração e pelo espirito, fidalgo, artista, cruzado, diplomata. E sempre, e em tudo—é maneira de Portugal!

Aos 17 anos era jornalista, na revisão de um jornal, como quasi todos. Depressa o seu talento veiu á superficie e logo entrou, fadado pela influencia literaria portuguesa, nas primeiras filas do jornalismo, observando e criando, sendo nessa altura que o poeta insigne, já morto, Olavo Bilac, o convidou para escrever na *Gazeta de Noticias*, onde brilhou como um astro inegualavel. Tinha uma cultura e erudição muito notavel, e, como jornalista, percorrera quasi todos os países europeus, tendo em 1909, pela primeira vez vindo a Portugal, tendo até escrito um livro *Portugal de agora*, onde a visão panoramica da nossa vida social se abriu em projecções de grande beleza critica. Em 1919, em Lisboa, no teatro Nacional, realizou uma conferencia sobre as relações luzo-brasileiras, e acompanhou a Portugal, na sua visita oficial, o sr. presidente Epitacio Pessoa. Desfrutava um grande prestigio no Brasil, apesar dos inimigos ou adversarios que o seu genio emondado provocaram, e tinha condecorações de Italia, da Belgica, da França com a Legião de Honra, de Portugal, com Cristo, fazendo parte de grande numero de colectividades literarias e jornalisticas de França, Portugal e Italia.

Quando entrava em Portugal Paulo Barreto, exclamava no sorriso fulgurante do seu tipo distintissimo:

—Me parece que estou pisando o Brasil do lado de cá do Atlantico.

Era de facto um português, um grande português do lado de lá, o heroi que morreu esta madrugada.

Notas Mundanas

A caridade

No Terrasse Bragança

Está-se trabalhando com afinco a fim de que a elegante festa de caridade que na noite de 28 do corrente, vespera de S. Pedro, se realisa no «Terrasse Bragança», seja revestida do maior brilhantismo.

No espectaculo ao ar livre, um dos numeros do programa, tomam parte grande numero de senhoras e rapazes da nossa sociedade que estão ensaiando numeros de variedades.

Alem da venda de rifas, sinas, descantes e das danças populares, haverá um concurso de «one-step» de «valsa» de «fox-trot» e de «tango» com premios.

Os bilheres de entrada são por convites e o seu preço é de 3$50. O serviço das ceias está a cargo da «patisserie Garrett» e são ao preço de 6$00.

Mais esclarecimentos pedem-se á sr.ª D. Maria Fernanda de Castro e Quadros, travessa de Santa Quiteria, 76, ou pelo telefone 621, norte.

Aniversarios

Fazem amanhã anos as sr.as:

D. Amelia Castelo Branco de Carvalho, D. Maria Luiza Pereira de Melo e D. Maria Eugenia Leão Guimarães Pestana.

E os srs.:

José Antonio de Melo (Cartaxo), Artur Claro Peixoto, Alvaro Aires de Gouveia Ozorio, Antonio Roque do Pinho (Alto Mearim) e nosso camarada de trabalho Carlos Alberto Pimentel da Mota Marques.

Veraneios elegantes

No Mont'Estoril

No dia primeiro do mez de julho realisa-se a inauguração oficial do «Grande Casino Internacional» um dos pontos de reunião mais elegantes desta bela praia. A actual direcção está organisando para a temporada de verão um magnifico programa tanto do concerto como de variedades em que figurarão os mais notaveis artistas, no primeiro figura um sexteto de que faz parte o brilhante concertista Renet Boet, primeiro violino da orquestra do teatro de S. Carlos.

A inscripção de socios que tem sido enorme continua aberta nos escriptorios do casino, sendo os bilhetes de assignatura por toda a temporada 60$00, por um mez 15$00, dando entrada ás senhoras de familia e 1$00 por cada dia

Clubs elegantes

No Club Brasileiro

Foi brilhantissimo o baile que ontem se realisou neste club, organisado por um grupo de socios de acôrdo com a direcção. Durante toda a noite a linda sala de baile esteve repleta de senhoras que com as suas elegantes «toilettes» faziam realçar a magnifica decoração, dançando-se com entusiasmo até perto das seis horas da madrugada.

Pelas duas horas foi servida a ceia em pequenas mesas que se encontravam espalhadas pelos vastos jardins do club, que se encontravam iluminadas a luz electrica e tijelinhas.

Na assistencia viam-se:

Madame Macedo Soares, Viscondessa de Algés e filha, D. Halia Correia Leite e filha, D. Margarida de Almeida Artagão e filha, D. Etelvina Falcão, Madame Sarmento Brandão, D. Maria Luiza de Saldanha da Gama Alcobia, D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho e filha, D. Susana de Castro, D. Amelia de Oliveira (Tramagal), D. Maria das Dores Cisneiros Machado da Cruz (Queluz) e filhas, madame Antunes dos Santos e irmã, D. Alexandrina de Figbeiredo e Melo e filha, madame de Castelo Branco e Melo e filhas, D. Alice de Barros Pereira de Carvalho Brion. D. Maria do Carmo Navarro de Andrade Belmarço Pereira de Carvalho, D. Maria Clara de Saldanha da Gama Alcobia Cyrne, madame Sobral Cid e filha, D. Joséia de Avilaz Ferreira Pinto Basto e filha, D. Claudina Franco dos Santos, D. Pilar de Oliveira e filhas, D. Adelaide de Almeida, D. Lea Cohenaguary e filha, D. Judite Cisneiros Machado da Cruz de Azevedo, D. Margarida Pereira de Carvalho, D. Maria Luisa Beires do Vale Nunes da Silva, etc., etc.

Pontos de reunião

Agenda.

A nossa sociedade elegante dá ámanhã ponto de reunião na Sociedade de Belas Artes, festa de caridade organisada por uma comissão de senhoras da nossa sociedade elegante, no teatro de S. Carlos, primeira representação «reprise» da peça «Marianella» notavel trabalho da actriz Amelia Rey Colaço, e na soirée da moda do Cinema Condes.

Em viagem

No dia 2 partem para o estrangeiro os srs. condes de Arge.

—Com sua esposa, a sr.ª D. Alcina Couceiro Martins, regressou ontem á noite a sua casa em Pereira, o sr. dr. Antonio Couceiro Martins.

Doentes

Encontra-se doente, de cama, a sr.ª D. Ana Fontoura Xavier, gentilissima filha do ilustre embaixador do Brasil entre nós, sr. dr. Fontoura Xavier.

Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

VISITAS MINISTERIAIS

O sr. ministro da instrução visitou hoje a Escola Normal Primaria de Bemfica

O sr. ministro da instrução, acompanhado do chefe do seu gabinete, sr. dr. Libanio Alves do Vale, visitou hoje a Escola Normal Primária de Bemfica, sendo recebido pelo corpo docente e alunos e tendo estes oferecido ao sr. dr. Ginestal Machado um lindo «bouquet» de cravos.

A CIDADE

UMA ENTREVISTA DIFICIL

O FIM DA RECENTE VIAGEM AO NOSSO PAÍS DO SR. GOMES BARBOSA

A EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE COMERCIO QUE SE REALIZA NO RIO DE JANEIRO EM 1922 E Á QUAL DEVEMOS CONCORRER—AINDA O PROBLEMA DA AGENCIA FINANCIAL

O sr. Gomes Barbosa, director-secretário da Camara de Comercio Portugueza no Rio de Janeiro, é um homem misterioso e impenetravel. Chegou há pouco do Brazil, avistou-se com o sr. presidente da Republica, falou com vários ministros, procurou depois algumas individualidades e ninguem soube o que ele vinha fazer, o que ele pretendia, e onde ele estava. O sr. Gomes Barbosa era uma entrevista uma autentica entrevista de actualidade. Nenhum jornal a deu até agora. Perdão!... Cabe-nos hoje essa honra.

Esta manhã, o jornalista, foi ao Hotel Borges e deu o seu cartão ao «groom». Este, subiu a escadaria. Pouco depois, um homem de fato azul, chapéu de palha, com um ar todo germanico na face, vinha ao nosso encontro com o cartão.

—Sr. Gomes Barbosa: desejávamos que v. ex.ª dissesse três palavras ao *Diário de Lisboa*.

O presidente-secretário da Camara de Comercio Portugueza do Rio de Janeiro, fitou em nós as suas pupilas azues, frias, quási glaciaes, e não teve uma palavra.

Outra frase do jornalista, insistindo:

—Ninguem sabe o que v. ex.ª veiu fazer a Portugal.

O sr. Gomes Barbosa olhou-nos outra vez muito fixo, muito demoradamente, e não respondeu. Um sorriso tenue arregaçou-lhe os lábios. Era um bom prenuncio para o jornalista. Envolvêmo-lo em frases, em muitas frases mesmo. O sr. Gomes Barbosa disse então arrastadamente:

—Não lhe posso dar uma entrevista...

—Porquê?

—Um jornal da manhã já me pediu uma e eu neguei-me.

Redobrámos de palavras, afirmámos:

—Duas impressões de v. ex.ª bastariam.

—Suba!

Subimos no elevador até ao 1.º andar. Depois, atravessámos o salão e sentámo-nos no sofá.

—O que quer?

Repetimos:

—Saber o que v. ex.ª veiu fazer a Portugal.

O sr. Gomes Barbosa, com muita placidez e muito vagarosamente:

—Vim em viagem particular e numa missão especial.

—Especial! Póde-nos explicar o que isso é?

O nosso dificilimo entrevistado—a creatura mais impenetravel que o jornalista tem encontrado—não respondeu. Compreendemos que aquele emudecimento sistemático era uma resistencia passiva ás nossas interrogações. O sr. Gomes Barbosa era uma esfinge. Então, tivemos uma vontade, uma vontade unica: quebrar a esfinge. Insinuámos:

—Quando v. ex.ª chegou a Lisboa e foi visitar o sr. dr. António José de Almeida, um jornal da tarde, inseriu um pequeno éco a esse respeito. Sabe o que dizia esse éco?

—Não!

—Que o sr. Gomes Barbosa se queixara da propaganda nativista...

—Isso não é verdade. Fui falar com o sr. presidente da Republica sobre a Exposição Internacional de Comercio, que se realiza no Rio de Janeiro em 1922, na qual eu desejo vêr o meu paiz brilhantemente representado. Sobre este assunto falei já com outras pessoas.

Tinhamos quebrado a impenetrabilidade do sr. Gomes Barbosa. Era a primeira resposta, clara e nitida que lhe obtinhamos. Era uma vitória.

—O que nos diz do nosso comercio no Brazil?

—O nosso comercio está muito desenvolvido ali. Existem por toda a parte importantes centros de industria portugueza...

—Onde se localiza o mais importante?

—No Rio.

—Mas as correntes emigratórias dos outros paizes não disputam aos nossos compatriotas os mercados brazileiros?

O sr. Gomes Barbosa não nos deu uma resposta. O jornalista desesperou outra vez. Ah! aquele silencio, aquele silencio voltava a incomodar-nos. Acentuámo-lo.

—Os americanos têm uma simpatia especial pelo Brazil; tentam...

E a frase não seguiu. Abordámos outro assunto, um assunto escorregadio:

—V. ex.ª não acha que Portugal não tem mantido, diplomáticamente, com o Brazil, as ligações que devia?

O sr. Gomes Barbosa, com um sorriso leve e um esfregar de mãos:

—Não estou em casa para essa pregunta.

—No entanto, essas suas palavras podem ser mal interpretadas. Eu posso dizer que v. ex.ª tem a impressão...

—Há por vezes, tanto cá como lá, uns mal-entendidos. Coisa pouca...

—O nativismo é um mal entendido.

—Olhe: no Brazil respeitam todos aqueles que trabalham. Eu, que sou portuguez, deixei agora os negócios da minha casa entregue a brazileiros. Bem vê...

—Os poveiros trabalhavam, dissémos, creando ambiente a uma opinião.

—A lei que determinou a vinda deles para Portugal, não é uma lei especial; aplica-se a todas as colónias que estão no Brazil.

A opinião poderia não ser sincera. Quizémos verificá-lo, e, muito propositadamente, dissémos:

—Talvez v. ex.ª não saiba...

—O quê?

—Morreu Paulo Barreto, o unico amigo dos portuguezes, no Brazil.

O sr. Gomes Barbosa, apesar da sua frieza, teve um certo sobressalto. A uma senhora que tinha entrado no decorrer da conversa, e que estava assentada ao fundo do salão, anunciou:

—Morreu o João do Rio! E' lamentavel!

A senhora levantou-se dum salto, veiu até nós, e em francez ciciou:

—Pobre Paulo Barreto!

—O unico amigo de Portugal, acentuámos.

—Os portuguezes—afirmou o sr. Gomes Barbosa, com um calor polar—não precisam de ter amigos no Brazil. Aqueles que trabalham, que são honestos, encontram sempre naquele paiz o maior carinho.

E depois:

—Admiro o João do Rio como escritor, como jornalista, mas nunca como amigo dos portuguezes.

E o silencio retomou o seu imperio, apesar das preguntas repetidas que o jornalista fazia ao sr. Gomes Barbosa. Havia ainda um ponto a tocar: a questão da Agencia Financial. Era forçoso obter uma frase. Depois de muito instado, o nosso esfingico interlocutor houve por bem dizer-nos:

—Eu leio o *Diário de Lisboa* desde que aqui estou...—Dois elogios para o nosso jornal.—Os senhores trataram a questão por todos os prismas. Não há nada a acrescentar.

Decididamente, o sr. Gomes Barbosa era o homem mais dificil, mais vago e mais impenetravel do nosso conhecimento.

—V. ex.ª veiu do Brazil; sabe o que se passa, e como creatura inteligente há de ter uma opinião. Diga-a.

—Eu não sei nada, articulou custosamente o nosso entrevistado.

—Ah! isso sabe.

Mexemo-nos no sofá, com impaciencia, com um pouco de despeito. Um grande silencio envolvia o salão. A expressão desse silencio era o sr. Gomes Barbosa.

—Vamos! Diga-nos alguma coisa.

—O seu desaparecimento não afectará os nossos interesses. Antes dela, os portuguezes não enviavam o seu ouro para a metrópole? Enviavam. Pois bem: agora que existem no Rio casas bancárias portuguezas esse ouro virá na mesma.

—E se o governo brazileiro proibir o seu envio?

Como já sabiamos que a resposta demoraria, pelo menos, 3 minutos a vir, e que para isso, necessário era repetir a pregunta, esperámos o tempo necesário e fizémo-la novamente:

—E se o governo brazileiro proibir o seu envio?

—Não deve suceder assim.

O sr. Gomes Barbosa, com a sua voz grave e lenta, pediu-nos se lhe mandávamos as provas da entrevista. Dissémos que sim, como é de uso afirmar e como é de uso não cumprir. O presidente-secretário da Camara de Comercio Portuguez no Rio de Janeiro—assim o confessamos—é o homem mais dificilmente entrevistável que temos encontrado. No entanto, alguma coisa conseguimos.

A. P.

DOIS ASSUNTOS DE ACTUALIDADE

UM QUARTO DE HORA DE PALESTRA COM O SR. MINISTRO DO TRABALHO

A ETERNA QUESTÃO DOS BAIRROS SOCIAIS—A GREVE DOS MEDICOS, SE CHEGAR A SER DECLARADA, É FACIL DE RESOLVER—O LUGAR DE MINISTRO NÃO É CONVIDATIVO

O sr. ministro do trabalho, que logo de manhã cedo começa trabalhando no seu gabinete, recebeu hoje o jornalista com duas frases matinaes de amabilidade para o *Diário de Lisboa*, que nos deixaram profundamente penhorados. Foram vários os motivos que nos levaram a procurar hoje o sr. Lima Duque. Em primeiro lugar, a eterna complicação dos Bairros Sociaes, que dá sempre materia de sobejo para uma entrevista de actualidade. E sobre Bairros Sociaes fizémos a primeira pregunta:

—Diga-nos V. Ex.ª porque se demitiu o conselho de administração, há pouco ainda nomeado?

—O conselho de administração não se demitiu. Não é verdade o que diz um jornal da manhã sobre o assunto. Demitiu-se apenas o sr. Costa e Silva, que fazia parte do conselho, por incompatibilidades com o seu cargo do ministerio das finanças.

E, procurando entre a papelada uma portaria, que ainda hoje deve ir para o *Diário*, o sr. Lima Duque acrescenta:

—Como convém—pela complexidade e responsabilidade dos serviços da Administração dos Bairros Sociaes—que seja, pelo menos, de cinco membros o seu conselho administrativo, além dos dois já nomeados, vou ainda nomear, em comissão gratuita de serviço, os srs. engenheiro António Pinto, António Eduardo da Costa e Augusto de Sousa Magalhães.

—E o que há sobre o bairro social da Covilhã, sr. ministro?

—Li agora mesmo num jornal que o terreno era magnifico, que o bairro devia ser continuado, etc., etc. Não é bem assim. Tenho aqui o relatório da respectiva comissão de inquérito, que diz em resumo o seguinte:

«O terreno escolhido para a construção do bairro fica contiguo ao cemitério e ao hospital, em lugar declivoso e alpendurado».

E, procurando sempre demonstrar com documentos á vista, as suas palavras, o sr. ministro do trabalho continua:

—Já vê que não é com essa facilidade que as obras podem ser continuadas. Gasta-se ali muito dinheiro. Precisamente, as despezas são maiores por causa do acidentado do terreno. E ainda não foram lançadas as bases de um unico alicerce...

—V. Ex.ª podia dizer-nos em que pé está aquela movimentada sindicancia ao antigo conselho administrativo?

O sr. ministro do trabalho, como quem não está satisfeito com a marcha do inquérito:

—A sindicancia continua. Há sempre uma grande dificuldade em fazer acabar entre nós uma sindicancia.

—E a comissão de regulamento, que o sr. ministro ultimamente nomeou?

—Essa ficou hoje instalada aqui no ministerio e começou já a estudar o projecto que serve de base para a discussão do novo regulamento dos Bairros Sociaes.

Mudámos de assunto. Além dos Bairros Sociaes, há ainda outro motivo de actualidade sobre que merece a pena interrogar o sr. ministro do trabalho.

—Os médicos provinciaes continuam a afirmar que cortam as relações com o Estado...

—Eles cortam as relações com o Estado, e o Estado corta as relações com eles. Essa greve, se chegar a ser declarada, é muito fácil de resolver. Só os delegados e sub-delegados de saude dependem do Estado. Se não houver médicos civis que queiram ocupar esses lugares—por uma questão de solidariedade profissional—mando-os substituir por médicos militares.

No entanto, o sr. ministro do trabalho não acredita que a greve chegue a ser declarada e está empregando os seus melhores esforços para evitar essa nova complicação. O lugar de ministro—podemos afirmá-lo porque o sr. Lima Duque no-lo disse—não é lá muito convidativo. Gasta-se dinheiro, arruina-se a saude e ainda se perdem amigos.

E o sr. ministro do trabalho termina assim um quarto de hora de conversa toda familiar, com o jornalista:

—Olhe, ámanhã, vou para a minha casa de Coimbra—onde eu estou bem e de onde nunca devia ter saido.

E o sr. Lima Duque diz-nos ainda que veiu para Lisboa só depois de ter visto a sua nomeação no *Diário do Governo*. Porque se fôsse consultado não aceitava.

Entretanto, aproximam-se as eleições e parece-nos que o sr. ministro do trabalho desta vez não vae a Coimbra para descançar... A demora é curta. Regressa a Lisboa na segunda-feira.

O sr. presidente da Republica

partiu hoje de manhã para Braga

No comboio da manhã partiu hoje para Braga, o sr. presidente da Republica, acompanhado pelo chefe do governo, ministros do interior, guerra e comercio, secretário geral da presidencia, chefe do protocolo, secretários particulares e ajudantes.

Na estação do Rocio, foram-lhe prestadas as honras do estilo por uma força da guarda republicana, acompanhada da respectiva banda de musica.

Conforme se noticiou, o chefe do Estado vae a Braga assistir á entrega das insignias aos regimentos ali aquartelados, devendo tambem presidir á sessão inaugural do Congresso Luzo-Espanhol, que se realiza no Porto, no próximo domingo. O comboio presidencial terá uma demora de vinte minutos em Campanhã, seguindo depois para Braga, onde foi preparada ao sr. presidente da Republica uma recepção carinhosa. O regresso a Lisboa realiza-se na segunda feira, ás 9 e 45.

DIA RELIGIOSO

A'MANHA, 25—Reza-se de S. Guilherme Alade, duplex, paramentos brancos; 2.ª oitava de S. João, missa.

LAUSPERENE — Na igreja das Chagas de Cristo, por devoto de Nossa Senhora de Lourdes.

FESTIVIDADES:

Sé, ás 11, côro; ás 12, missa e vesperas.

S. Roque, ás 8,30, missa

Chagas de Cristo, ás 12 horas, festa a Santo Antonio, com missa solene, por musica; ás 20, terço de Bemditos, com musica.

Capelinha do Rosario, no cemiterio do Alto de S. João, rua n.º 4, ás 12, missa rezada.

NOVENA A SANTA ISABEL—Com exposição do Santissimo, por instrumental.

Santa Isabel, ás 20,30 horas.

TRIDUOS:

S. Nicolau, ás 20, á Senhora de Lourdes, por musica e com exposição do SS.

S. Francisco de Paula, ás 18, a Santo Antonio, por musica.

NA IGREJA PAROQUIAL DE S. PEDRO, em Alcantara—E' recebido o Sagrado Lausperene, no dia 28, havendo as seguintes festas:

Dia 28, festa ao Coração de Jesus, por musica.

Dia 29, festa a S. Pedro, orago da paroquia, orando o rev. Pinheiro Marques; ás 18 1|2, Te-Deum, por instrumental.

Dia 30, festa ao Corpo de Deus, por musica.

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.

Festas a S. Pedro

Realiza-se no dia 29, no Seixal, a grandiosa festa a S. Pedro, feitas pelos pescadores, havendo procissão, a qual percorrerá as principais ruas da vila, autorizada pelo sr. governador civil de Lisboa, havendo tambem arraial e quermesse.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

TIJOLO

Vende aos mais baixos preços do mercado

C. B. ANÃO L.DA

Rua da Junqueira, 200

PROVINCIAS

Em Ribeira de Pena

A queda de agua do rio Beça

Ribeira de Pena, 23

Recebeu-se na camara municipal um protesto da Companhia Industrial do Norte Ltd. contra a Société Minière et Industrielle du Tamega, por esta acusar aquela de obter, ilegalmente e com manifesto prejuizo, a concessão das quedas do rio Beça, afluente do Tamega, nos limites deste concelho. Seja qual fôr a razão que possa assistir a qualquer delas, o que sabemos, pela leitura do protesto e contraprotesto, é que os melhoramentos que uma e outra se propõem fazer são de manifesto interesse para este concelho.

Melhoramentos locais

Em Cerva reuniram-se alguns vultos daquela freguezia e de Limões, com o fim de solicitarem do ministro do comercio já a verba precisa para completa ligação da estrada que liga Mondim de Basto com este concelho, e comprometendo-se a votarem, nas proximas eleições, nos candidatos liberais, dando-se mutuamente as respectivas garantias.

Em Vila Nova de Paiva

Falecimento

Vila Nova de Paiva, 23

Faleceu hontem, vitima de uma hemorragia cerebral, o aspirante de finanças sr. Manuel da Fonseca Baptista, funcionario sabedor e activo.

Dias antes tinha dado uma queda de uma bicicleta, ficando bastante maguado na cabeça.

O extinto estava casado apenas ha oito dias.

Em Benavente

Administradores de concelho

Benavente, 22

Foi nomeado administrador deste concelho, estando já em exercicio, o sr. Carlos Alberto Paim dos Reis Fernandes.

—Para identico lugar no vizinho concelho de Salvaterra de Magos, foi nomeado o sr. dr. Alvaro Maximino Betamio d'Almeida, desta vila.

Estação telegrafica

Foi nomeada ajudante da estação telegrafica, lugar ha pouco criado, a sr.ª D. Maria Feliciana Costa, que ha tempo está fazendo serviço como proposta.

Em Alcanena

As eleições

Alcanena, 23

O acto eleitoral neste concelho está despertando pouco interesse por, segundo nos informam, as hostes governamentais terem assegurada a maioria nesta vila com alguns entendimentos entre os partidos e politicos oposicionistas.

Não é de estranhar que assim suceda por entre os republicanos não haver prestigio nem suficiente autoridade moral que aqui lhes garantam o predominio.

O indiferentismo é grande e o abstencionismo não lhe será inferior.

Na Pampilhosa

Administrador interino

Pampilhosa, 23

Tomou hoje posse do cargo de administrador interino o sr. Alberto Pereira Baptista.

Melhoramentos locais

Principiaram já os trabalhos para a abertura duma pequena avenida, que dá ingresso na Praça Barão de Louredo, melhoramento de grande utilidade, que se propôs fazer a camara municipal deste concelho.

As eleições

Apesar da junção de liberais e monarquicos deste concelho nos proximos colegios eleitorais, deve pertencer a vitoria ao Partido Republicano Portugués.

Em Carregal do Sal

Um julgamento

Carregal do Sal, 27

Responderam hoje neste juizo, em audiencia de policia correccional, Ana da Silva, do Aido de Cabanas, pelo crime do art. 421.º n.º 1 do Codigo Penal, sendo condenada em 10 dias de prisão correccional, suspensa por 2 anos, nos termos e para os efeitos da lei de 6 de Julho de 1893, e Antonio da Costa, desta vila, pelo crime de ofensas corporais, na pena de 10 dias de prisão correccional, tambem suspensa por 2 anos para os efeitos da lei citada.

Administrador de concelho

Tomou hoje posse de administrador, neste concelho, o chefe do partido liberal daqui, sr. José Augusto Branquinho e Melo. A' posse, que lhe foi conferida pelo presidente da camara municipal deste concelho, dr. Jaime Garcia Mascarenhas, assistiram varios amigos e correligionarios do impossado e do partido democratico.

Em Montemór-o-Novo

O novo veterinario municipal

Montemòr-o-Novo, 21

Foi nomeado veterinario municipal o sr. Antonio Carlos de Fontes Pereira de Melo.

Casamentos

Efectuaram-se os casamentos do sr. Joaquim Dias Capela com a sr.ª D. Joaquina Nunes, e do sr. Reginaldo Gabriel Ferreira com a sr. D. Joana Ferreira Caldeira, devendo realisar-se brevemente os do sr. Salvador Romeiras da Costa com a sr.ª D. Marieta da Costa Castilho, do sr. Jaime Viriato das Dores Ferreira com a sr.ª D. Joaquina Varela Romeiras, e do sr. Manuel Augusto Rosado de Mira com a sr.ª D. Amelia Espada Carneiro.

Falecimento

Faleceu o sr. Antonio Adriano Trindade, comerciante.

Administrador de concelho

Os liberais daqui manifestaram desejos de que o sr. Jaime Braga se conservasse á testa da administração do concelho, mas s. ex.ª recusa-se a continuar no exercicio desse cargo, para o qual tambem se fala no nome do sr. Euripides Silva.

Em Coimbra

O Arco de Almedina

Coimbra, 27

A casa Pinto Soto Maior comprou o arco pequeno de Almedina e as edificações que assentam sobre este. Nenhum obra ali se fará sem que o Conselho de arte e arqueologia seja ouvido.

Um concurso

Vai ser posto a concurso o lugar de chefe do laboratorio de analises quimicas da faculdade de medicina.

O S. João

Festejando o santo casamenteiro, houve este ano as tradicionais fogueiras, onde se dançou até de manhã. A cidade, durante a noite, esteve bastante movimentada.

Dr. Teixeira de Carvalho

A irmã do saudoso professor sr. dr. Teixeira de Carvalho e o sr. Candido Nazaré, chefe das oficinas da Imprensa da Universidade, têm recebido muitos telegramas de pesames pela morte daquele eminente critico de arte entre os quais se contam os enviados pelos srs. Anselmo Braamcamp Freire, dr. Bernardino Machado, Luís Derouet, etc.

Congressos

O Centro Academico Democracia Cristã faz-se representar no congresso internacional de estudantes catolicos, que vai realizar-se em Triburgo.

—Ficou adiado para Novembro o congresso das juventudes catolicas que estava marcado para o corrente mês, em Coimbra.

Reunião de cursos

Estão reunidos em Coimbra os cursos teologico-juridico de 1895-1896 e o de direito de 1910-1911, que vieram festejar o aniversario das suas formaturas.

A visita do ministro da Inglaterra

O sr. ministro da Inglaterra, que hoje seguiu para o Porto, onde foi assistir ás festas desportivas da colonia inglesa,

O sr. Lancelot Carnigie leva de Coimbra as melhores impressões. A sua paisagem maravilhou-o e os monumentos e museus foram tambem muito admirados pelo ilustre visitante.

Na recepção que deu em casa do sr. dr. Costa Lobo, o sr. ministro da Inglaterra manifestou o seu empenho em contribuir para o estreitamento das relações comerciais entre a Inglaterra e o nosso meio. Na estação do caminho de ferro teve s. ex.ª uma despedida muito afectuosa, tendo tambem ido ali o sr. dr. Costa Lobo e outros professores da Universidade.

Foram as seguintes as impressões que o sr. embaixador de Inglaterra exarou no «Album de honra» da Sociedade de Defesa:

«O facto de ser eu o primeiro visitante de Coimbra que escrevo neste album é uma honra que deveras aprecio. Possa o sucesso da Sociedade de Defesa e Propaganda de Coimbra ser igual ao das belezas e historia gloriosa desta antiga cidade universitaria.

Faculdade de Medicina

Defenderam a sua tese na Faculdade de Medicina os srs. José Jorge de Morais e Jaime Artur Abreu da Mota, obtendo aquele distinção.

—Na acta da sua sessão de ontem, o conselho da Faculdade de Medicina exarou um voto de sentimento pela morte do sr. Teixeira de Carvalho.

Dr. Costa Lobo

O sr. dr. Costa Lobo foi nomeado socio da Real Academia das Sciencias de Madrid.

Outras noticias

Como nos anos anteriores, principiam ámanhã as tradicionais danças populares em honra de S. João.

—Foi nomeado administrador do concelho de Soure o sr. Virgilio da Silva Pinho.

Em Marco de Canavezes

Um suicidio

Marco de Canavezes, 22

Ontem de tarde, desgostoso com o pai, por motivo de umas partilhas, suicidou-se na freguesia de Vila Boa de Quizes, deste concelho, João Teixeira de Magalhães, filho de José Augusto Pereira de Magalhães e neto de João Teixeira, armador, recentemente falecido. O infeliz, que era muito considerado na sua terra, deixa mulher e dois filhos.

A agricultura

Ante-ontem, ontem e hoje tem estado um calor intenso; se não vier chuva, os milharais secarão na maior parte.

As eleições

Consta que os catolicos deste concelho votarão com os monarquicos que por este circulo (Penafiel) propõem o sr. dr. Antonio Cabral.

Em Vendas Novas

Uma festa militar

Vendas Novas, 22

Realizou-se na parada da Escola de Tiro de Artilharia de Campanha o juramento de bandeira ao contingente de recrutas do grupo de baterias aqui aquarteladas. Ao acto assistiram individualidades desta vila, expressamente convidadas para esse fim.

O acto foi abrilhantado pela banda de infantaria 11, que expressamente veio para esse fim de Setubal, a qual, durante a tarde e parte da noite, se fez ouvir com bastante agrado.

O quartel esteve em exposição, o rancho foi melhorado e á noite houve a iluminação dos costume com a inovação das projecções de dois olofotes da guarda nacional republicana, devidamente guarnecidos por pessoal da mesma guarda, que ha dias aqui se encontram.

As proximas eleições

Consta-nos, não obstante as repetidas visitas ultimamente feitas pelo candidato monarquico sr. dr. Cunhal, por este circulo (Evora), e de mais alguns influentes politicos da lista monarquica ser grande o indiferentismo que lavra na maioria dos eleitores desta vila pelo proximo acto eleitoral, esperando-se uma grande abstenção, a não ser que, á ultima hora, apareça alguma surpreza.

Tambem esteve nesta vila, a tratar da sua candidatura, o sr. Antonio Falé, filiado no partido liberal.

Sociedade Comercial Portuguesa de Publicações e Telegrafia, L.da

CAPITAL 100:000$00

SEDE — Largo de S. Domingos, 11 — Telefone 5351 C. — LISBOA

SUCURSAL EM LISBOA—(Exposições e Vendas), Rua Aurea, 146, 1.º

Secção de Livraria — Concessionaria das Bibliotecas nos Caminhos de Ferro do país. Representante dos principais editores europeus e americanos. = ***Secção de Publicações*** — Proprietaria das MESSAGERIES DE LA PRESSE FRANÇAISE, assinaturas e venda de toda a qualidade jornais de e figurinos de alta moda. Envios para a provincia. = ***Secção de Telegrafia*** — Proprietaria das Agencias Telegraficas, RADIO e UNITED PRESS.=***Secção de Publicidade***—Anuncios, eclaues e propaganda artistica nos jornais portugueses e estrangeiros. = ***Secção Comercial***—Concessionaria da Fabrica de Lampadas Electricas HERCULES, do Porto—Ampolas para laboratorios, importação e exportação.

Termas das Caldas de Canavezes

(A 2 quilometros da estação da Livração, Caldas de Canavezes, na linha do Douro)

CONDUÇÃO ÁS TERMAS EM AUTOMOVEIS

As mais ricas da peninsula em arsenio e as unicas aguas sulfurosas arsenicais do país para tratamento das doenças de pele, bronquites, laringites, sifilis, reumatismo, gôta, etc.

ABERTO DE 1 DE JUNHO A 15 DE OUTUBRO

Inhalações, pulverizações, douches nasais, irrigações e fricções—Banhos de imersão e douches—Grande Hotel—Parque, casino, mata e passeios no rio—Excelente de vistas deslumbrantes—Iluminação electrica—TRATAMENTO—DESCANÇO—TURISMO.

Endereço telegrafico — CALVBZES-MARCO

Escritorios: Nas termas. Em Lisboa — R. de S. Nicolau, 88, 2.º

NO ESTRANGEIRO

A POLITICA ALEMÃ

"Seria de grande interesse para a Inglaterra que a França e a Alemanha vivessem em paz"

E' esta, em palavras, a ideia do ministro inglês Churchill

A obra de Wirth e de Rathenau —A marcha do governo alemão e a politica interna—A Alta Silesia e a cooperação da Baviera

Não é preciso frisar mais a modificação profunda que as relações dos aliados com a Alemanha sofreram com a subida ao poder do ministerio Wirth.

Churchill há dias, dizia bem claramente num discurso que seria de grande interesse para a Europa que a Alemanha, a Inglaterra e a França formassem uma aliança.

Se por um caso fantastico de imaginação alguem em Abril tivesse podido ter semelhante ideia, se mesmo alguns dias depois da aceitação do «ultimatum» alguem de qualquer país o aventasse, qual não seria o grito de indignação que toda a França lançaria? Hoje, os comentarios foram umas simples criticas, que não repeliram sequer formalmente a ideia, e que se limitaram a traduzir em outras paravras a ideia de Churchill: «Seria de grande interesse para a Inglaterra que a França e a Alemanha vivessem em boa paz, porque a Inglaterra não quere intervir num novo conflito e teme a concorrencia desesperada que lhe vai fazer a Alemanha para pagar a divida de guerra, o que não impede que daqui resulte uma segurança maior para a França e um trabalho menos penoso para a Alemanna.

Longe de repelir o pensamento do ministro inglês, quereriamos tirar dele tudo que contêm de justo e desejavel».

Rolhenan auxilia simplesmente a obra de Wirth. A imprensa francesa louva-o muitissimo e tem a certeza que ele vai entender-se com Lancheur rapida e efectivamente para a reconstrução das regiões devastadas.

Nem todos, porém, vêm assim a situação na Alemanha. A politica interna prejudica grandemente a marcha do governo e a cada instante se teme que surja uma dificuldade capaz de o lançar por terra.

O que se depreende das observações visiveis de algumas pessoas é que este perigo é mais apregoado que real: ainda há pouco um deputado, a quem se atribue as mais malevolas intenções ácerca do governo, e de que se supõe lançará a casca de laranja em que escorregará, afirmou que, para grande espanto de todos, ia aprovar completamente a obra do ministerio.

Apesar da situação dêste, será dificil, emquanto se combater na Alta Silesia e se não conseguir obter a cooperação da Baviera.

Mesmo entre os socialistas, força principal do governo, há divergencia: uns querem a imediata socialização das minas, com Hese á frente, outros dirigidos pelo chefes dos mineiros cristãos Imbasch, acham essa medida extemporanea.

São estas lutas internas de partido que enfraquecem o governo, ainda que a socialização das minas se apresente como um facto muito futuro: sem elas o governo Wirth poder-se-hia considerar consolidado, a despeito da oposição de Stinnes e dos pangermanistas, o que seria uma garantia para a Alemanha e para a Europa, não só das boas relações actuais, mas de uma paz duradoura.

Seale e Lucas
Importador e Exportador
19 Eastcheap EC3
LONDRES

DE BERLIM

O PROGRAMA FINANCEIRO DE WIRTH

Creação de novos impostos sobre o açucar, corridas de cavalos, produtos de iluminação, tabaco, cerveja e aguas minerais

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

BERLIM, 24.

O sr. Wirth expoz perante o conselho economico o programa financeiro que o governo pretende pôr em prática para satisfazer as suas obrigações perante a Entente. Serão criados novos impostos sobre o açucar, sobre as corridas de cavalos, sobre os produtos de iluminação, sobre o tabaco, cerveja e aguas minerais. Tambem se projectam novos projectos de lei, criando impostos sobre os automoveis, café, chá, cacau, etc. — (U. P.).

O desastre da mina de carvão de Herne

BERLIM, 24.

O Reichstag nomeou uma comissão para inquirir das causas que produziram a catastrofe na mina de carvão de Herne. O vice-chanceler exprimiu as simpatias do governo pelas familias dos sinistrados. — (U. P.).

O ultimo movimento comunista

BERLIM, 24.

Foi condenado a trabalhos forçados por toda a vida o organizador dos movimentos comunistas Hoelg, que perturbou tão fortemente a Alemanha central na primavera passada. — (U. P.).

DE LONDRES

O conflito com os operarios mineiros

estará prestes a terminar?

LONDRES, 24.

Sabado realizar-se-há a conferencia entre os mineiros e as outras «Trades Unions» que estão envolvidas em questões de salario. Parece certo que os operarios dos outros ramos não estão dispostos a acompanhar os mineiros na greve. Numa conferencia com o partido do trabalho, Hodges, secretario dos mineiros, disse que estes tinham que se curvar perante o inevitavel. — (U. P.).

A morte misteriosa de Alfred Newjor

Continúa o inquerito

LONDRES, 24.

A morte subita de *Sir* Alfred Newjor, presidente da direcção de Harrds, está envolvida em misterio. Foi descoberta nos seus remedios uma quantidade de estriquinina capaz de causar a morte. Os medicos não tinham receitado qualquer medicamento em que entrasse a estriquinina. Continua o inquerito. — (U. P.).

Os comunistas e os trabalhistas letões

LONDRES, 24.

O partido do trabalho Letão recusou-se, por 415 mil votos contra 224 mil, a receber no seu seio os comunistas.— (U. P.).

DOS ESTADOS UNIDOS

Na Federação Americana de Trabalho

Uma moção de simpatia aos irlandeses

NEW YORK, 24.

Na reunião anual da Federação Americana do Trabalho foi resolvido excluir completamente os japoneses e outros orientais. Foi aprovada uma moção de simpatia aos irlandeses, mas foi reprovada a proposta de se fazer «boycottage» aos produtos ingleses.— (U. P.).

O almirante Sims chega á America

NEW YORK, 24.

Os jornais saudam o almirante Sims pela sua volta á America com largos encomios, mas não foi permitida qualquer demonstração publica. — (U. P.).

Serração e estancia de Madeiras

Executam-se com rapidez e perfeição todos os trabalhos para Carpintaria e Marcenaria

Venda de Madeiras aos mais baixos preços

RUA DA JUNQUEIRA, 200

C. B. ANÃO L.DA

A POLITICA INGLESA

A Africa do Sul e o Canadá tornar-se-hão independentes depois da conferencia imperial?

A atitude de Londres perante as reclamações dos Dominions

Os governadores das colonias serão nomeados pelo rei e ficarão dependentes deste e não, como agora, do governo da metropole

A conferencia imperial britanica reune e nessa conferencia, em que tomarão parte não só os Dominions, mas todas as colonias, serão apresentadas reclamações que vão modificar muito o imperio britanico.

Todas as reclamações apresentadas são graves, e dirigem-se no sentido de dar ás colonias uma autonomia que, pelo menos para a Africa do Sul e Canadá, se aproxima bastante da independencia.

Essas reclamação são:

1.º—Toda a ligação entre os Dominions e o Colonial Ofice será suprimida; o Canadá, a Australia e a Africa do Sul deixarão de ser uma dependencia burocratica do ministerio das Colonias;

2.º—O governador da colonia será nomeado pelo rei, de entre os candidatos apresentados por ela e ficará dependente do rei e não do governo Inglês;

3.º—Os Dominions nomearão os seus representantes no estrangeiro;

4.º—O parlamento de Westminster não terá poder legislativo sobre os Dominions.

Londres, porque se vê naturalmente sem forças para resistir a estas reclamações unanimes, tendendo todas a uma autonomia maior ainda que algumas colonias não reclamem a nomeação de representantes no estrangeiro, mostra-se disposta a ceder. Lord Vùlner e o coronel Amery já fizeram promessas que permitem afirmar que as reclamações serão atendidas.

Os Dominions porão de acordo as divergencias que haja nas suas reclamações e depois será elaborada uma base de relações entre a corôa e as colonias.

Estas concessões terão consequencias incalculaveis. Uma se póde já tirar: quando qualquer Dominion queira tornar-se independente, com relações diplomaticas no estrangeiro fá-lo-ha com facilidade; e se a Inglaterra hoje não resiste a estas concessões, chegado esse instante terá de aceitar o facto consumado com a mesma impossibilidade, porque não poderá lutar com uma nação poderosa, forte e civilisada como é já hoje a Africa do Sul, pois não poderia com um auxilio eficaz das outras colonias para esse fim.

A Inglaterra compromete-se a não tomar quaisquer decisões internas ou externas sem consultar o Dominion a quem interesse; e tendo estes uma representação estrangeira independente, vamos assistir a uma politica internacional imperial britanica divergente porque decerto os interesses da metropole nem sempre, quasi nunca talvez, estarão de acôrdo com os dos Dominions.

NA BELGICA

O cardeal Mercier casará o marquês de Villalobar

MALINES, 24

O cardeal Marcier, primaz da Belgica, celebrará em 30 de junho proximo, na catedral de Malines o casamento do marquês de Villalobar com sua prima irmã a marquesa de Cuimaroy. O casamento civil realisar-se-ha na mesma catedral antes da cerimonia religiosa. — (R.)

A "GREVE ETERNA"

Quando teremos electricos?

Os comerciantes prejudicados projectam para breve um novo encerramento dos :-:-: seus estabelecimentos :-:-:

Segundo informações de fonte autorizada, os comerciantes de Lisboa projectam uma nova manifestação de protesto contra a demora da solução da greve do pessoal dos electricos, tenciomando, á semelhança do que fizeram há dias, encerrar todos os estabelecimentos a uma hora combinada.

A situação de alguns comerciantes é desesperada. E' tambem desesperada a situação das empresas teatrais. Mas é bom não esquecer o publico, que nestas coisas é sempre o mais prejudicado, sendo ele a unica «entidade» que não tem direito a um protesto oficial — porque é «massa anonima».

E' preciso pôr os carros na rua—que a cidade assim paralisa á mingua de movimento. Mas é preciso que a questão se resolva de modo a não prejudicar o publico.

— O comercio — disse-nos hoje o gerente da casa Ramiro Leão — está absolutaniente paralisado. — As vendas na sua casa sofreram logo no começo da greve uma redução de mais de metade das suas vendas normais.

Claro que, quando dizemos o «comercio», referimo-nos ao comercio da Baixa, que é o centro comercial, o coração da cidade; o comercio dos pontos afastados, como os bairros da Estefania, de Alcantara e outros, só têm sentido os beneficios, que derivavam, até á paralização dos electricos, para os comerciantes da Baixa.

E estamos nisto: Hoje, como em todos os dias anteriores, os grevistas reunem mais uma vez... «para apreciar a situação»; o comercio projecta um novo encerramento dos seus estabelecimentos; o publico continua a sofrer como até aqui; e, finalmente, o reporter sorri do camarada que, farto de escrever sobre o mesmo caso, começa quasi sempre a sua noticia por estes termos:

«Continua no mesmo pé a greve dos electricos...»

O peor é se esta frase, que é já uma formula, ainda virá a ser um estribilho nacional.

Na Direcção Geral dos Transportes fomos informados de que, em virtude dos factos ocorridos com a greve do pessoal da Carris e da abstinencia do governo na solução dela, não há ali conhecimento da plataforma apresentada pelos grevistas.

Esta plataforma consiste num convite que os grevistas fazem ao governo de pôr, por sua conta, os electricos em circulação para que ele praticamente verifique se a Carris tem, com as antigas tarifas, lucros ou prejuizos.

Segundo ainda informações da mesma fonte, dizem-nos que a Carris está estudando a forma de atender as reclamações do seu pessoal.

Salão Foz Empreza Artur Emauz

Companhia de revista Antonio Macedo L.da

HOJE--A 200.ª representação

da linda fantasia-revista

TRÓLARÓ

com o seu extraordinario quadro

O DELIRIO DO OPIO

em recita dedicada aos autores

A bailarina Consuelito Marmero

A 26--«Matinée» dos porteiros

A 27:—Festa do actor-ensaiador **ROSA MATEUS**, a opereta em 1 acto ***Regimento em manobras.***

Um acto do TRÓLARÓ e surprezas

Ultimas Noticias

No ministerio da guerra

Reunião do conselho superior de promoções para julgamento dos recursos n.os 641 e 972

O conselho superior de promoções reuniu-se hoje em sessão publica, para julgameato dos recursos n.os 641 e 972, interpostos respectivamente pelo sargento ajudante de infantaria, actualmente alferes, João dos Santos Aboim, e pelo tenente da mesma arma Antonio José Marques.

A morte de João do Rio

O "Diario de Lisboa" convida todos os escritores, artistas e amigos do Brasil a comparecer ámanhã nesta redacção, a fim de subscreverem um telegrama de condolencias que vai ser enviado á Academia de Letras Brasileira e ao jornal "A Patria", do Rio de Janeiro, de que o ilustre escritor Paulo Barreto era director.

Malas postais

Pelo *Usaramo* são ámanhã expedidas malas postais para Las Palmas e Africa Oriental, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 10.

ALÉM-MAR

Alguns governadores das nossas colonias põem ao governo a questão de confiança

Alguns dos actuais governadores das nossas colonias puzeram a questão de confiança ao sr. ministro das colonias, sendo-lhes essa confiança ratificada pelo sr. Celestino de Almeida.

A peste bubonica na Guiné

O governador da Guiné informa que vae declarar completamente limpa da peste bubónica aquela provincia, visto há muito não se ter dado caso algum.

Director das obras publicas de Timor

Foram nomeados director interino das obras publicas de Timor, o major sr. Machado Duarte, e secretário do governador da mesma provincia o sr. Godinho de Mira.

Funcionarios de Macau

Pelo conselho do governo de Macau, foi deliberado que todos os funcionários que seguirem para fóra da provincia ou para a metrópole, ou ainda para outras colónias, deixem de vencer pela colónia de Macau.

O conselho de finanças de Timor

Foi aprovado o regulamento do conselho de finanças de Timor.

O ano economico 1921-22

Proibição de pagamentos relativos a esse ano

Foi determinado que até ao dia 30 do corrente, seja expressamente proibido fazer pagamentos relativos ao ano económico de 1921-22.

O porto de Viana do Castelo

Nomeação do novo patrão-mór

Foi nomeado patrão-mór do porto de Viana do Castelo, o guarda-marinha sr. José Joaquim Marques.

Pelo ministerio da agricultura

Os directores gerais dos serviços de agricolas e florestais partem em viagem de inspecção

Os srs. Cristovão Moniz e Pedro Roberto da Cunha e Silva, respectivamente directores gerais dos serviços agricolas e florestais, partiram hoje para a Guarda, a fim de inspeccionar os estabelecimentos dependentes daquelas direcções gerais existentes no distrito.

"Patrão Lopes"

Mais dois contra-torpedeiros ex-austriacos

Encontra-se em Veneza o navio de guerra «Patrão Lopes», que vae buscar ali dois dos torpedeiros ex-austriacos.

POR TERRAS DE ESPANHA

Os transportes terrestres e os serviços telegraficos

MADRID, 24.

No Congresso, o sr. Maura continuou o seu discurso sobre os transportes terrestres.

Bugallal leu o seu projecto de reorganização dos serviços telegraficos, calculando-se a despesa em 165 milhões de pesetas pagas em dez anuidades.

O debate sobre as casas baratas

Allendesalazar confia que o debate no Senado sobre casas baratas seria rápido, de forma que o rei poderá sancionar o projecto logo após o seu regresso.

O aniversario da princesa Beatriz

Na capela do palacio houve uma missa por motivo do aniversario natalicio da princesa Beatriz, oficiando o cardial Moreno.

Os crimes sociais em Barcelona

No Congresso começou o debate sobre os crimes sociais em Barcelona, anunciando Lerroux uma interpelação ao ministro Lacierva.

* * *

Em Barcelona, um grupo de desconhecidos disparou á queima roupa contra o patrão de oficinas metalurgicas de nome Eduardo Alsina, deixando-o em estado gravissimo. Alsina, quando operario, fazia parte do sindicato unico, de que se afastou quando chegou a patrão.

* * *

Realizou-se o enterro dos sindicalistas que foram mortos há dias, adoptando-se severas precauções policiais.

Greve de enfermeiros

Os enfermeiros do hospital provincial de Barcelona declararam-se em greve por lhes estar em divida catorze meses de ordenado.

Espectaculos

POLITEAMA—A's 21,30—«Miss Diabo».
GIMNASIO—A's 21,30—«Adão e Eva».
AVENIDA—A's 21,30—«O coração manda».
APOLO—A's 21,30—«Porto tantos de fal».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21—O «film» «Barrabás».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
CHIADO TERRASSE—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

Bolsa de Lisboa

Dia 24

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	44. 0p0
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	—
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0p0 1905	11.
4 0p0 1888	18.9p
4 0p0 1890 coup.	—
4 1p2 1888p89 ass.	—
4 1p2 1889 coup.	—
5 0p0 1909 coup.	—
4 1p2 1912 ouro	—
5 0p0 1917	—
3 0p0 externas 1.ª série	146.
3 0p0 » 2.ª »	—
3 0p0 » 3.ª »	147.
Acções	
Banco Colonial Português (port.)	143.
Banco Colonial Português (cop.)	144.50
» Comercial de Lisboa	255.
» Economia Portuguesa	94.
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » » (coup.)	234.50
» Lisboa & Açores	279.
» Portugal	—
» Minho	—
» Português e Brasileiro	125.50
C. G. de Credito P. Português	—
Lezirias Tejo e Sado	3.805
C. N. Navegação	120.10
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	—
Portugal e Colonial	108.80
Cabinda	—
Buzi	45.
Ilha do Principe	183.50
Moçambique	—
Zambezia	—
Companhia do Boror	76.
Obrigações	
Atravez d'Africa	—
Benguela, titulo 1	143.
Benguela, titulo 5	
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 °/o, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 °/o, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	220 cp919
Tagus	265 cp918
Mundial	—
União dos Proprietarios	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendador
Libra sterlina	30$00	34$00
s|Londres cheque	8 3|8	8 1|4
» 90 d. v.	8 1|2	—
Rio s|Londres	7	—
s| Paris	609	618
s| Italia	365	375
s| Belgica	607	618
s| Suissa	1290	1310
s| Espanha	1005	1020
s| Berlim	107	110
s| Holanda	2520	2565
s| Nova York	7600	7757
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	6 0p0	—
» » » » Portugal	7 1p2 0p0	—
Agio do ouro	500	600

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	60,65
» s|Londres	28,35
» s|New-York	—
» s|Berlim	10,60
Paris s|Londres	46,665
» s|Madrid	164,75
» s|Genebra	210,00
» s|Berlim	17,37
Londres s|Paris	46,65
» s|Roma	77,50
» s|New-York	3,74
» » s|Berlim	267,75
» Amsterdam	11,33
» s|Genebra	22,25

Luta eleitoral

Mais um candidato regionalista

Pelo circulo de Vila Franca de Xira tambem foi proposto como deputado republicano regionalista, por parte de alguns elementos agrarios, o sr. José Fogaça de Carvalho Santos, tesoureiro da fazenda publica em Torres Vedras.

TEATRO DE S. CARLOS

Amanhã, ás 9 e 1|2 da noite

COMPANHIA REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO

Marianela

Notavel desempenho e

AMELIA REY COLAÇO

Bilhetes á venda